

ANNO 8º

Rio de Janeiro 10 de Fevereiro de 1876

Nº 540

CORTE

Anno	16\$000
Semestre	8\$000
Trimestre	5\$000

O MASPETTO

PROVINCIAS

Anno	20\$000
Semestre	11\$000
Trimestre	6\$000

REDACÇÃO, 70 RUA DO OUVIDOR



OS SETE PECCADOS MORTAES

! O ORGULHO de ser o homem politico de mais firmeza de principios (liberal—conservador—liguico—liberal—ultramontano)

DR. A. RAMOS DA COSTA
MEDICO
 CONSULTAS: DAS 9 A'S 10 HORAS DA MANHA,
 NA PHARMACIA DA
02 P. da Constituição 02
 A outra qualquer hora, na
33 RUA DA GUARDA VELHA 33

NÃO! NÃO!!
ROCAMBOLE
NÃO MORREU!!

J Gazeta de Noticias
Começou
 a publicar
 a continuação
 do romance
ROCAMBOLE

GAZETA DE NOTICIAS
 ESCRITORIO
70 RUA DO OUVIDOR 70

OPOPONAX EXTRACTO,
 SABONETE
 POLVILHO
 AO GRANDE MAGICO
107 RUA DO OUVIDOR 107

GRANDE ESTABELECIMENTO
 DE
BANHOS
149 RUA DO OUVIDOR 149
perto do largo de S. Francisco de Paula

Este estabelecimento achase montado
 com todas as accommodações e asseio que
 exige uma casa d'este genero, podendo ser
 frequentado pelas familias.
 Banhos quentes, frios, de chuva e
 medicinaes.

Assignaturas com grande
 abatimento.

GRANDE EMPORIO
 DE
VENTARCIAS CHINEZAS
 NA
 Galeria de Dresden
55 RUA DA URUGUAYANA 55

DR LUIZ PIENTZENAUER
 Medico—Cirurgico
 E
PARTEIRO
 Consultas nos dias uteis das 12 á 2 horas
 da tarde, na casa de sua residencia
65 Rua de Theophilo Ottoni 65
SCBRADO

DR SILVINO DE ALMEIDA
 ESPECIALIDADE
 DE
MOLESTIAS DE PELLE
30 Rua Primeiro de Março 30

Flores do Campo
 UM VOLUME, POR
EZEQUIEL FREIRE
 Livraria GARNIER, Ouvidor 65

A' MINERVA deposito de fundas,
 instrumentos de ópti-
 ca, mathematica,
 photographia e musica. Fardamentos de
 igreja e sortimento variado de imagens:
 rua da Quitanda, 99.

CAMPANHAS ELECTRICAS
 AO GRANDE MAGICO
107 Rua do Ouvidor 107

LIVROS EM BRANCO
 E
 OBJECTOS DE ESCRITORIO
Moreira Macemino & C.
111 Rua da Quitanda 111

DR LACERDA COUTINHO
 MEDICO
57 RUA DOS ARCOS 57

O MOSQUITO
 PUBLICA
Annuncios Illustrados
 E NO CORPO DA FOLHA
70 Rua do Ouvidor 70

O DR FERREIRA DE ARAUJO
MEDICO
119 Rua Sete de Setembro 119

MINIATURAS possias por GONÇALVES
 CRESCO—á venda na rua
 do Ouvidor n. 70.

G. JOPPERT & C.
IMPORTADORES
PAPEL DE IMPRESSÃO
 DE
 TODAS AS QUALIDADES
63 Rua do G. Camara 63

GAZETA DE NOTICIAS
FOLHA NOTICIOSA E COMMERCIAL
 PUBLICA TODOS OS DIAS
 TELEGRAMMAS
 NOTICIAS LOCAES
 NOTICIAS ESTRANGEIRAS
 NOTICIAS MARITIMAS
 MOVIMENTO COMMERCIAL
 PREÇOS CORRENTES
 DE GENEROS DO PAIZ

FOLHETINS
 Publica-se todos os dias
 ASSIGNATURAS POR TRIMESTRE
Corte 2\$000
Provincias . . . 4\$000
 ESCRITORIO

70 Rua do Ouvidor 70

MASSA INSECTICIDA
Destruição immediata
 DAS
 baratas, ratos, etc.
Ao Grande Magico, Ouvidor 107.

Sabiu á luz e acha-se á venda na livraria
 do editor Serafim José Alves, á praça
 D. Pedro II n. 16, a

SELECTA
ANGLO-AMERICANA
 DO

DR FELIPPE M. A. CORREA
 obra adoptada pelo conselho de instrução
 publica e approvada pelo governo para
 servir de texto nos exames da instrução
 publica e no imperial collegio de Pedro II,
 1 vol com 400 paginas impressas em-8. 5

O CULTIVADOR
 Periodico Agricola
PUBLICANDO MENSALMENTE
 UM NUMERO DE 28 PAGINAS, EM 4º
 ASSIGNA-SE NA LIVRARIA

DE
Serafim José Alves
16 Largo do Paço 16



Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, que nos foram obsequiosamente enviados :

AO SR F. QUIRINO DOS SANTOS, de *S. Paulo*—as suas *Estrelas Errantes*, segunda edição (3) augmentada com algumas novas poesias e ornada com um excellente retrato do estimado escriptor.

AO SR L. TENENTE J. A. D'OLIVEIRA FREITAS—a sua *Defeza* apresentada em conselho de guerra contra as accusações do inspector á companhia de aprendizes marinheiros do Amazonas.

A' COMPANHIA DAS DOÇAS DE D. PEDRO II—os *Relatorios* da Directoria e Direcção Geral das Obras e o *Parceiro* da Commissão Fiscal.

AO SR AFFONSO H. DE LIMA—o *Relatorio* da Bibliotheca Municipal, de que é muito digno encarregado interino, e á qual a frequencia publica já se vai tornando notavel.

SR LÁ DE KAGADO.—Não reclamamos, não: isto de desenhistas não assim mesmo, só veem erros na obra alheia. Deixal-os pintal-os...

SR L. A. P. C.—Que o seu amigo diga mal das mulheres, damos-lhe toda a razão; mas que o faça em tão ruina verso, isto é que não se atura.

SR QUERGAZ.—Veja, admire, e depois diga a quem lhe contar historias que não seja anno.

A MISSA DE REQUIEM

Estamos desconhecendo os nossos compatriotas !

Os entusiastas da *Fille de Mme. Angot, do Barba Azul* e do *Petit Faust* estão, ou fingem estar extasiados com a inspirada partitura sacra de Verdi.

A principio ficamos com a pedra no sapato, duvidando da sinceridade d'este entusiasmo; mas logo que vimos essa repentina paixão pela musica decente, traduzir-se em notas de dez mil reis, cantadas com a melhor vontade, para adquirir direitos a ter ingresso no Cassino Fluminense, dissemos logo :

Bemdito seja o Sr Arthur Napoleão ! Bemditas as alminhas que, com as suas vozes melifluas, operaram esta transformação.

Porque, a fallar verdade, a metamorphose no gosto do nosso publico é perfectamente visivel.

A imprensa, pelo seu lado, seguiu a corrente e, segundo o louvavel costume, em lugar de conduzir a opinião publica, foi por ella conduzido.

Era necessario por *deitar* sciencia musical, para que o jornal ficasse á altura dos progressos artisticos da população.

Até aos nossos dias o *Jornal do Commercio* servia, aos seus assignantes, uma refeição simples, frugal e de simples digestão.

Mais—*cos bem timbrada*,—menos *correcção de estylo*,—mais *sentimento*,—menos coisas é tal—o *Jornal* tinha ao menos uma qualidade apreciavel—dizer o que sentia.

Não se metta em *semifusas* e fazia a critica de uma opera, com um certo bom senso, que compensava a falta de conhecimentos technicos do critico.

Mas agora o caso fia mais fino.—Uma partitura com *fugas* não é para ahí qualquer opera—basta—e não se póde, para lhe fazer a analyse, recorrer aos estafados e edicões adjectivos—factores constantes em todas as revistas musicas.

Em apuros, o critico da grande folha recorre aos profundos abysmos da sciencia contra-poetista do Sr Hugo Bassmeyer, dizem uns;—lo *director* das gargantas fluminenses, dizem outros! Seja quem for o artista a cujos talentos se recorre, o certo é que o *Jornal do Commercio* deu á luz um folhetim sobre a missa de *Requiem* de Verdi, que é e será o pasmo das gerações presentes e futuras.

O artigo, ao que parece, tem *pai e padrinho*. Com tão bons protectores não era muito que sahisse um parto digno de nota.

Se nos dão licença—fallamos logo do principio. Começa o *pai da litteratura* :

« Aspecto musico apresentava ante-hontem a magnifica sala... etc.

« A' frente de todo este exercito *harmonico* empunhava o bastão do commando, a sua aurea batata—um grande vulto *musical*, que, *apoz* haver deixado larga e luminosa esteira, nas suas peregrinações por longiquos céus, etc. etc !

Isto é estylo feito com as palhinhas de chavelho—E' litteratura de raspa de veado !

Vamos adiante :

« Afinal a *batata* botou na estante, ergueu-se, e logo os primeiros sons *estrugiaram* pela sala.»

Ors aqui neste *estrugiram* houve quem nos perguntasse—o que significava o verbo *estrugir* ?

Olhamos para a direita,—para a esquerda,—para tras,—para diante, e como não estivesse pessoa alguma que nos ouvisse;—porque podiam suppr' que sabiamos grammatica, o que era uma dos diabos para quem tem esperanças de fazer fortuna como jornalista; abrimos o dicionario e respondemos: Estrugir—atroar os ouvidos, os ares, com gritas, tambores... etc.

A pessoa que nos havia interrogado, esbugalhou os olhos e disse: *compas!*... se a missa começa com um canto pianissimo de violoncellos ! !

« Isto é maneira de puchar o estylo á *sustancia*—e respondemos nós.

E vamos adiante :

O *pai da musica*, depois de fallar no *ton* com *disis* mais *harmonico*, disse tambem que o «Agnus Dei» era um *unisono* com o intervalo de uma oitava.

—Hom'essa ! se elle é unisono como é que é em oitavas !

— Isto é maneira de fazer conhecer o dedo do contrapontista, dissemos nós !

Mas vamos adiante :

O resto do journalismo não ficou atraz do *Micromegas* da imprensa brasileira.

Fallou o Serra e disse mal, segundo o costume, para mostrar que entende da obra. Fallou Manuel de Mello, e em estylo perfumado como um bouquet de violetas de Parma, mostrou que o Serra não pescava da historia. Fallou o M. A. e para não dizer alguma coisa da sua cabeça, arramou-nos uma estrada traducção da Revista dos Dous Mundos.

— Fallou a *Gazeta de Noticias*. Fallou o *Mosquito*. Fallaram todos !

E não sabemos se fallou tambem a burra de Balaão. Se não fallou a burra, pelo menos fallou o *Apostolo*.

ALBERTO RIANCHO.

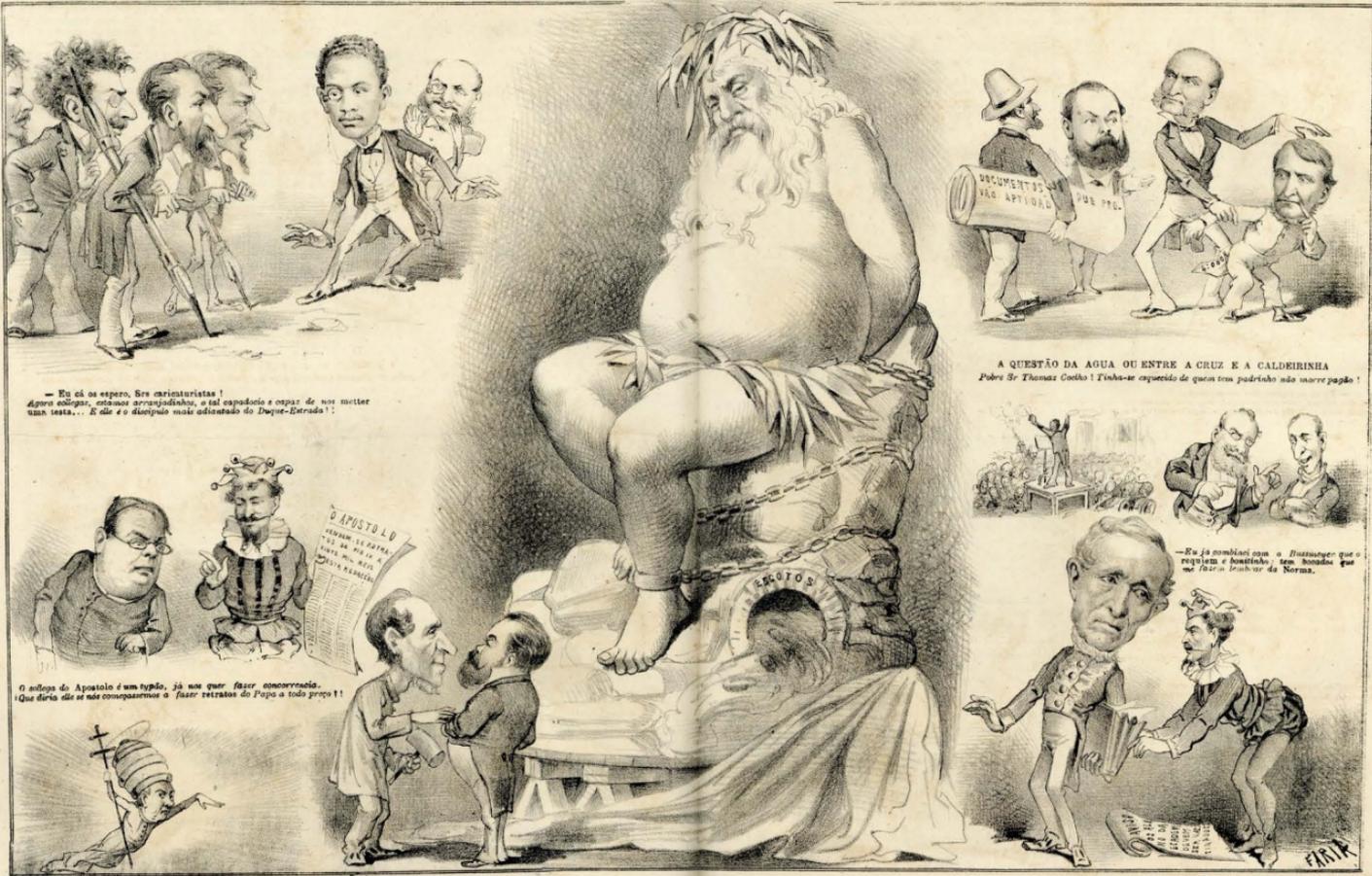
FABULA INSTANTANEA

O DESCUIDO PUNIDO

Por se demasiaer o Antonio Bento
levou uns quantos murros da metale.

—
Quem semeia vento
colhe tempestade.

ANTONINO PIO.



— Eu cá os espero, Sr. carnicristas!
 Agora calgar, estamos arranjadinhos, e tal espadado e ostar de nos metter
 umh testa... E cá é o diuetro mais adiantado do Duque-Entrado!



O collega do Apostolo é um typão, já nos quer fazer concorrência.
 (Que diria ele se nos conseguissemos a fazer retratos do Papa a todo preço!)



Pois O Apostolo não teve a coragem de nos querer impingir
 que o Papa faz milagre! O seu collega, até que até aqui não é...

— Pois José Benta, você se lembra está com
 a gostosa representativa: vicário Rio de Janeiro.



A QUESTÃO DA AGUA DE ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA
 Pedro Sr. Thomas Cook! Faltou-se exposto de quem tem padrinho não soure pagão!



— Eu já combinai com o Diuetro que o
 requiem e hominho tem bonde que
 me faz o Senhor da Norra.



Esquece esse pasta, o Sr. não soure para isto; e melhor que só plantar... quic-
 kalyano, que a paci do que preta e de bronze.

FARIA

GALERIA THEATRAL

(TERCEIRA SÉRIE)

DESENHOS DE FIGURA

II

A INGENUA

E' como ingenua que quasi sempre começam as damas a sua carreira artistica.

Entretanto não ha no theatro dama mais velhaqueta e maliciosa do que a ingenua.

Em tudo isto, já se vê, exceptua-se a Sra Anna Costa.

Essa foi sempre ingenua: antes, durante e depois.

Antes, durante e depois da sua gordura, entenda-se.

Como antes, durante e depois da sua magreza, foi, é, e será ingenua a Sra Vicência de Moura.

E' isto, porém, excepção.

A regra é deixar de ser ingenua quando chegar a epocha das gorduras e mais banhas.

Exemplo: a Sra Ismenia.

A ingenua tem obrigação de ser airoza, nem gorda, nem magra, travessa, risonha, petulante.

Temos a ingenua triste e a ingenua alegre.

Alegre, porém, ou triste, a ingenua apaixonou-se quasi sempre pelo galã.

O que não impede de apaixonar-se por outro qualquer galanteador extra-proscenio.

Por outro qualquer, ou por outros quaesquer.

Não ponho aqui um exemplo para lhes não offender a modestia, a ellas.

Ha ingenuas que, a exemplo dos galãs, representam melhor cá fóra do que lá dentro, no palco.

Quasi sempre, porém, a ingenua lá de dentro é a maliciosa cá de fóra.

Tem uma vantagem.

Julgam-a sempre pelos papeis que representam, e entregam-lhe sem escrúpulos o coração.

D'ahi a vida aventureira da ingenua.

O seu genero de trabalho é uma armadilha.

Quantos se têm apaixonado pela Sra Appollonia, por amor da ingenuidade de seus sorrisos!... E no entanto...

Quantos têm suspirado pela Sra Adelaide Amaral, por amor da ingenuidade de suas lagrimas!

Quantos têm perdido a cabeça, por amor da ingenuidade do desabrimento e da gordura da Sra Isabel Porto!

Nos nossos theatros a ingenua é quasi sempre *la première cause*.

A Sra Julia Heller representou a Margarida do *Fausto*.

A Sra Ismenia a Gretchen do *Requies Vio*.

Verdade é que fez depois e no mesmo drama, a mãe de si mesma.

A ingenua morre ingenua.

A Sra Jesuina ha de sel-o sempre, em que peze aos seus cabellos brancos.

A propensão da mulher de theatro é toda para esse genero de trabalho.

A vocação é que não é.

Se os bastidores fallassem, quantas rixas, quantas disputas narrariam por causa d'essa ingenua propensão.

Ha ingenuas *subrottes*.

Esse dominio tem sido invadido por todas as nossas actrizes, desde a Sra Maria Leopoldina até a Sra. Adelaide Pereira.

Uma coisa, porém, dá que pensar:

De todas as mulheres de theatro as que produzem mais são as ingenuas.

São as que tem mais filhos.

Verdade é que ellas são tão ingenuas...!

GRYPHUS.

CORREIO DOS THEATROS

Não ha fome que não dê em fartura. Em um mesmão dia da semana passada representaram-se nos nossos theatros duas peças novas.

Uma d'ellas foi a comédia drama—*Risos e Prantos*—parte original e parte imitação pelo Dr Augusto do Castro. Os tres ultimos actos são um successo para o nosso querido theatro nacional.

Que grande escriptor é o enorme Caipira! Alli ha de tudo: observação, estylo, muito boa grammatica e melhor critica.

E' verdade que esta peça apanhou um desempenho como pouca. Ainda assim os papeis precisavam ser mais decorados; mas o que se ha de exigir dos Srs artistas, se elles têm tanto que fazer! Como terão os Srs actores tempo para estudar os seus papeis? Seria demasiada exigencia, querer que elles os soubessem.

A tia Vicência é que se ve estar lavando em aguas de rosas! A Mãe Petronilla é uma verdadeira creação!

Deem-lhe papeis e veremos até onde vai a Vicência, e principalmente se lhes derem ingenuas! E' capaz de se bater com a Sra Appollonia!

Com a representação da outra peça, no Pedro 2°, quem ganhou foi Adolpho Belot. Este idiota tinha feito uma peça a que pozera o titulo de—*O art. 47*—. A peça vem para o Brazil e o traductor depois que a lê, reconhece que aquelle titulo não é proprio, e zis—chama-lhe o *Galã*.

Aprende Belot! aprende a pôr os nomes aos bois!

O desempenho principalmente pela parte feminina é admiravel.

O theatro deñha: mas ninguém conta mais primeiras actrizes do que nós. Creio que já são quinze e o numero tende a augmentar. Cada theatro conta pelo menos quatro. E' verdade que se apurarem muito a coisa....

Em todo o caso a nossa arte dramatica tende a regenerar-se: todos os dias se lhe conhece a differença... para pior.

BAMBOLINA.



Admittida a hypothese de que uma folha sem pretenções de seriedade pôde um dia propor uma alteração radical a principios estabelecidos, digam-me os Srs uma coisa: que diriam se se lhes propuzesse a substituição do celebre *Figaro quô*, *Figaro lá* por esta variante:

Requies quô, Requies lá

Vamos, que diziam!

Não se falla, de ha oito dias a esta parte, não se escreve, não se desenha, que não seja do *Requiem*. Os jornalistas sérios, os jornalistas não sérios, os músicos, os cantores, os homens politicos e os homens impoliticos, os que conduzem o carro do estado e os que conduzem simplesmente os *coups* da Companhia, tudo falla do *Requiem* com tal encanecimento e constancia, que no augo do desespero já me deitei a um missal e entoei, com uma voz que faria inveja ao meu collega Almeida do *Figaro*, a minha precce: *Requiem aeterna dona nobis, Domine*.

Nota: este modo de combater um *requiem* com outro *requiem*, mostra bem quanto eu sou devoto da homoeopathia.

Com este subito entusiasmo do publico pelos officios de defuntos, quem se está lavando em aguas-bentás é o meu apostolico amigo Dr Reis. Ad' deitou folhetim! E que folhetim! *Benedicite, padre mestre!* Desde S. Pascoal Bailão até Santo Aleixo, com escalas pelo padre Gaume, Perajo e Pinard (não vá o *Caipira* ler *epistolas*...) não houve nome de Pios-Sanctorum que não occorresse ao ex-redactor do *Cabido*. Não é um folhetim: é uma ladainha sem o *kyrie-eleison*.

Mas o boçalinho de ouro da opinio musico-theologica do collega é quando elle diz assim:

« A primeira idea que me acudiu á mente penetrando no sumptuoso salão do *Novo Cassino Fluminense* foi que alli se ia ouvir uma missa de *requiem* sem padres, enquanto que nas igrejas ouve-se constantemente os mais bellissimos trechos de offerebas sem actores. Trocaram-se os papéis, levantou-se o sagrado no *Cassino*, visto que o profano de ha muito já invadiu os nossos templos».

Esta piada do folhetinista ultramontano não é mais do que a paraphrase do que eu e os meus companheiros do *Mosquito*, andamos a dizer ha uns poucos de annos.

Discordamos apenas n'um ponto: o Sr Reis diz lá que nas igrejas não ha actores. Essa, agora!

Quando a gente ouve a aria do *General Dum* e olha para o altar-mór, lá vê um fulano vestido de seda encarnada com ramagens, que, provavelmente, mede os seus accionados pelo compasso do acompanhamento. Quem é aquelle figurão? Deve ser alguma personagem da peça. Porque, se fosse um padre, de certo não poderia tolerar que lhe acompanhassem os offerterias com musicas que serrem, ás mais das vezes, para dar o rythmo ao cachaú.

Salvo se a religião catholica-apostolica e romana é uma religião dançante, podendo ser igualmente seguida—na igreja e no *Grande e pomposo* da cervejaria da Guarda-Verha.

Deus me livre, porém, de cair nas más graças d'estes folhetinistas mais do que já cahi. Agora então, que os folhetinistas andam accessos e cahem em cima dos que fazem ou consentem em caricaturas, como quem tem vontade de destruir esta praga social.

Eu tenho um amigo, republicano de coração, que já me confesso que se visse proclamada a republica entre nós, tomava immediatamente uma passagem no primeiro paquete a sahir para paiz não republicano.

Pelo que se está vendo, o meu amigo tem razão. Não estamos nós tendo agora a aconselhar todas as moderações os mesmos que ha poucos annos chegaram ao extremo de inclusivamente, nos seus ataques a um alto personagem, saltarem o muro da vida privada?

Não sei eu, nem quero saber, que idéa moveu o folhetinista do *Jornal* a esta santa cruzada contra os caricaturistas, que afinal, no nosso jornalismo,—são talvez onde se encontre algum

d'abo-alma que não tenha arranchado a certos *cravajos*. Desculpem-me se fallo assim, mas tenho visto tanta coisa, tanta reviravolta, tanta, tanta, que ás vezes ainda pergunto a mim mesmo se o ferro em brasa bastaria para queimar tanta podridão, coberta por galões de diferentes cores e felitos e metaes.

Ora, no caso veriente, o escandalo do nosso Attila partiu d'uma caricatura e que a todos os ministros, figurados em macacos, ensinava um collega de pasta, figurado em homem, que o imitasseu no que elle fizesse.

O folhetinista—a quem eu para lhe dar um nome, vista a sua falta de assignatura, chamarei Zé-Mimi-Pinson—não percebeu a intenção da caricatura. Mas note-se, não se zangou senão por causa de um dos ministros, aliás um dos maiores e dos mais respeitaveis vultos do paiz.

Se, como Zé-Mimi pensou, o *Mosquito* quiz apenas dizer que SS. Excs. eram descendentes de varios orang-otangos, Zé-Mimi protestando só contra a allusão a um, implicitamente manifestou os seus sentimentos a respeito dos outros. N'esse caso, os outros Srs ministros que lhe agradeçam.

Mas não, não foi isso. Zé-Mimi não percebeu a intenção. Zé-Mimi, se visse no considerado *Penech* o Sr Dirraeli sob as formas desgraçadas de um camello, ou no popular *Fan* a cabeça de lord Graville no corpo de um cão enroscado a dormir, ou o rei George figurado n'uma personagem que tem em inglez um nome que Byron, obrigado á rima, substituiu por *Shaw*—o Zé-Mimi visse isto tudo, Zé-Mimi comprehendendo-lhe-ta-ta-ta intenção como comprehendendo a da caricatura do *Mosquito*.

Oh, Zé-Mimi, pensa mais e não escrevas em collaboração nem com Leonardo, nem com outras *posséias*.

Boa.

C H A R A D A S

O Sr José Felipe S. Thiago, da Barra do Pirahy, pôde procurar no Correio a perfumada alfomadinha que o nosso amigo do *Grande Magico* offereceu para premio a quem decifrasse as charadas propostas no nosso n. 337. Effectivamente as decifrações são *Rebeca, Malaca e Salo*. E o Sr S. Thiago é um *alho*.

A' mais espirituosa decifração das tres seguintes propostas, offerecemos de premio duas lithographias coloridas, fazendo parte da colleção *Types Militaires*, do espirituoso caricaturista francez Drauer.

CHARADA I

Na parede, faço ás vezes
redifric grandes lizeiros 1
Mudando a orthographia,
nome dos mais corriqueiros 1
Agora é que vamos vêr
quem tem cachimonia oca:
—vai dar-lhe agua pela barba—
Sempre por baixo da boca 2

Com elle, muito mitgado
tem enchido bem a pança,
e anda mais bem tratado
por perfo da verança.

CHARADA II

2-2 E' ao moinho que esta vasilha torna mais curtos
os homens.

DECAPITAÇÃO

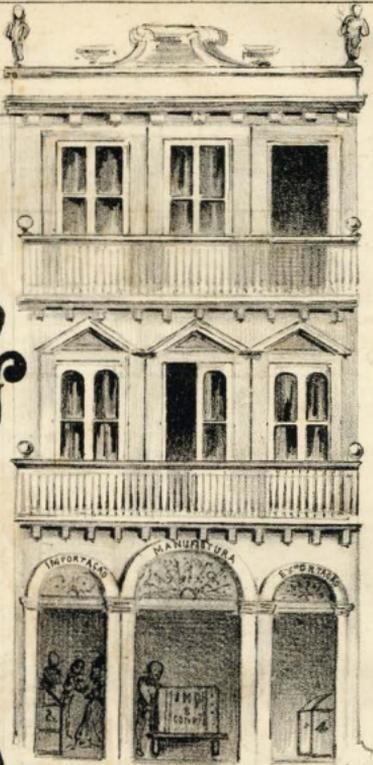
— quando — com tuas — nunca — para — praia do mar.

J. M. DE QUEIROZ & COMPANHIA

COM LOJA DE CALÇADO

RUA DA QUITANDA

CASA CONSTRUÍDA 91



CASAS FILIAES
EM
S. PAULO E
PÉTROPOLIS

MEDALHA DO BRAZIL 1861
E DE LONDRES 1862